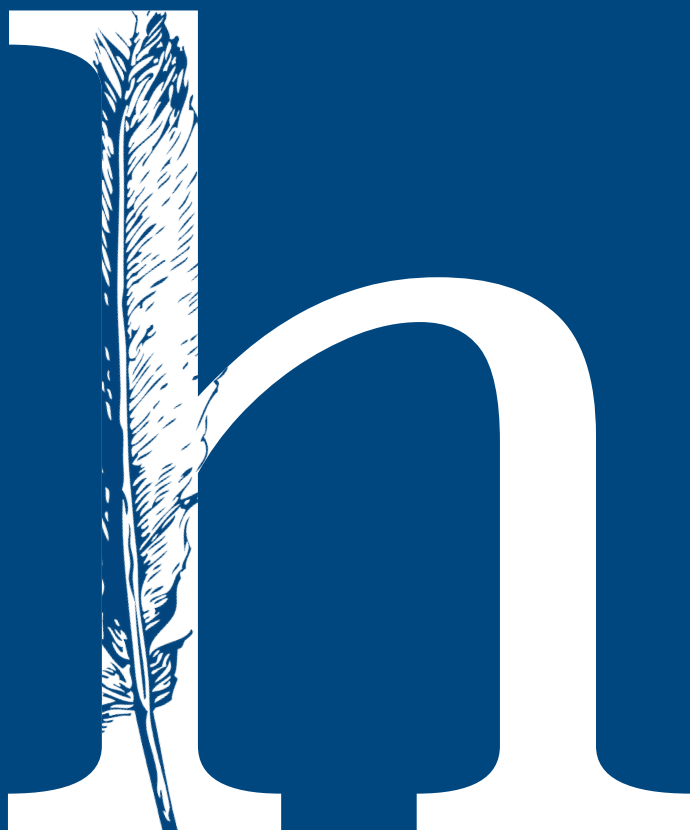




umanitas

70

simplesmente “pescado”) encontra-se sardinha, corvina, pargo, linguado e sável, distinto do chamado “pescado de couro”, em que se incluem a raia, a “auga” e o cação. De melhor qualidade o primeiro, mais caro e preferido, as questões atinentes à sua venda, preço e frescura tinham que ser devidamente geridas e controladas. E naturalmente, dizemos, com o peixe vem o sal, elemento fundamental do quotidiano, presente desde tempos recuados e de variada utilização. Presente está, mas não muito, nas actas de vereação consultadas, que mencionam tão-só a existência de “sainhas” (marinhas) perto da vila.

A interpretação das informações recolhidas, de acordo com o critério já enunciado, permitiu efectivamente abarcar aspectos diversos da dinâmica económica e social louletana na centúria considerada, e daí “formar uma imagem da alimentação medieval do território algarvio”. O crescente interesse pela “dieta mediterrânica” que é, desde 2013, Património Imaterial da Humanidade, tem neste livro mais um elemento de consulta e, embora se reconheça a parcimónia informativa das fontes em que se baseou, elas permitem definir a frugalidade das gentes, as suas necessidades e a sua coexistência.

MARIA ISABEL MIGUENS DE CARVALHO HOMEM
Universidade Autónoma de Lisboa
almisch@gmail.com
orcid.org/0000-0003-1082-7936
https://doi.org/10.14195/2183-1718_70_9

MILLER, Olivier; SANCHI, Luigi-Alberto, *Paris, carrefour culturel autour de 1500*, 324 pp., Paris, PUPS, 2016, ISBN: 979-10-231-0523-0

Recensão recebida a 16-05-2017 e aprovada a 08-06-2017

A obra *Paris, carrefour culturel autour de 1500*, editada por Olivier Miller e Luigi-Alberto Sanchi, recolhe as contribuições dos investigadores que participaram no colóquio “Le carrefour culturel parisien au tournant de 1500”, realizado em Março de 2015 na Sorbonne, com o apoio de várias entidades, entre as quais a Association V.L.Saulnier. Este volume colectivo divide-se em quatro partes, antecedidas não por uma introdução mas, significativamente, pelo artigo de Frank Lestringant “Le Paris des cosmographes (xvi^e siècle)”. De facto, a melhor forma de descrever a Paris

de 1500 é aproveitar as palavras de políticos-cronistas como Robert Gaguin, ou dos vários geógrafos-filólogos do tempo. Os “cosmographes”, abundantes numa Europa voltada para a expansão ultramarina, eram inspirados pelo humanismo renascentista, misturando a realidade visível com etimologias por vezes delirantes, no esforço – sobretudo entre os de nacionalidade gaulesa –, de encontrar no passado mítico e histórico da Antiguidade clássica um enquadramento fundador compatível com a grandeza crescente da capital de França.

Libertada da longa e destruidora Guerra dos Cem anos, unificada e agora imersa na disputa pelo controlo da Itália, eixo cultural do tempo, a Paris de 1500 era uma cidade livre para a grande política mundial e para a efervescente cultura humanística, prestes a sofrer os choques da Reforma e da Contra-reforma. Coerentemente, a concepção do volume *Paris, carrefour culturel autour de 1500* assenta na análise da circulação dos textos e dos contactos entre os intelectuais e as elites sociais – franceses e do resto do continente –, na “unité de lieu” dinâmica – “carrefour” – que é Paris.

A primeira parte é dedicada a “Les institutions et les réseaux”, sublinhando, nomeadamente, o enquadramento e influência da Sorbonne – “La place de Paris dans le réseau des Universités européennes vers 1500”, de Jacques Verger –, a importância da edição de textos marcantes, tanto intelectuais como populares – “Réseaux érasmiens autour de l’édition parisienne des *Adages* (1500)”, de Christine Bénévent; “Le *Praelum Ascensianum*: carrefour parisien, carrefour européen”, de Louise Katz; “Chanter sans partition à Paris vers 1500: les paroliers sans musique”, de Alice Tacalle –, e o papel de algumas personalidades – “Levèvre d’Étaples et le renouveau de l’enseignement universitaire parisien”, de Jean-Marie Flamand; “Le réseau européen des correspondants de Guillaume Budé”, de Cédric Vanhems.

A segunda parte – “Les sources et leur circulation” – acompanha o percurso dos textos antigos, sobretudo greco-latinos, mas também bíblicos, cuja tradução, normalmente relacionada com mecenas poderosos, é um sinal da pujança do humanismo renascentista. Assim, “Traduire pour la reine. La circulation des traductions autor d’Anne de Bretagne”, de Estelle Doudet; “Lucien de Samosate à Paris: notes complémentaires sur un exemplaire annoté (BnF Rés. Z 247)”, de Romain Menini; “Plaute à Paris: diffusion et imitation des comédies plautiniennes au début du xvi^e siècle”, de Mathieu Ferrand; e “Le *Thesaurus linguae sanctae* de Robert Estienne (1548): dialogue entre éditions latines et hébraïques”, de Judith Kogel. “Rémy Roussel (*Remigius Rufus Candidus Aquitanus*), figure oubliée de l’humanisme parisien”, de

Olivier Pédeflous, chamam a atenção para figuras esquecidas, mas pertinentes ao tempo na divulgação ao mais alto nível da cultura literária de inspiração clássica, até por acumularem, com frequência, a actividade intelectual com o exercício de funções públicas de relevo.

A terceira parte – “Les auteurs et leur réception” – aponta para os frutíferos contactos entre autores contemporâneos de várias proveniências, por vezes incentivados pela realidade político-militar – “Fausto Andrellini ou l’homme carrefour. Italien naturalisé, professeur à Paris et poète royal de Charles VIII à François Ier”, de Sylvie Lefèvre; “Les textes et les hommes à Paris autour de 1500: Bourguignons, Champenois, Normands et leurs présences dans la capitale”, de Jelle Koopmans; “Les *Amours* (1513) d’un Belge à Paris: Remacle d’Ardenne, le «plus ancien poète néo-latin d’amour en France»”, de Perrine Galand –, por vezes inspirados no passado medieval – “Paris, la croisade, le Concordat de Bologne. Une lecture contextualisante de *Morgant le Géant*”, de Francesco Montorsi. Contudo, sinais de uma menor abertura começam a surgir, como o crescente debate à volta da figura de Erasmo de Roterdão – “«Contra Erasmum»: nouveaux indices de la réception parisienne et universitaire d’Érasme”, de Gilbert Fournier.

Por último, a quarta parte – “Les livres de Josse Bade dans les collections de la Sorbonne” – concentra-se na imprensa de Josse Bade, o *Praelum Ascensianum*, reflexo da visão cultural do proprietário, empenhado na transmissão e divulgação da literatura greco-latina – “La production des presses de Josse Bade”, de Louise Katz. As várias reproduções coloridas presentes neste volume são complementadas por uma lista – “Liste des ouvrages exposés”, de Isabelle Diry – que corresponde às obras expostas durante o colóquio.

A obra *Paris, carrefour culturel autour de 1500*, que é aliás enriquecida por um índice analítico, proporciona, assim, um interessante e variado fresco da cidade de Paris de 1500, herdeira da grandeza medieval, mas crescentemente humanística e pronta para uma expansão política e intelectual que conduzirá a cidade para o centro da cultura europeia nos séculos seguintes.

MARIA JOSÉ LOPES

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Centro Regional de Braga

Universidade Católica Portuguesa

mlopes@braga.ucp.pt

orcid.org/0000-0003-2463-4166

https://doi.org/10.14195/2183-1718_70_10